

Escatologia

A imortalidade da alma e ressurreição dos corpos

Com que direito se pode continuar a falar de “corporeidade”, uma vez que toda relação com a matéria se vê expressamente negada, e que sua participação na peremptoriedade mantém-se apenas na medida em que a matéria é o “momento estático do ato humano livre”.

A alma e o tempo

Com essas considerações, o Papaa Emérito Bento XVI inicia uma discussão ampla acerca da unidade do ser humano, onde contrapõe a proposta luterana do “sono da alma” com o “catecismo holandês”. A defesa de Lutero com relação à anulação existencial da alma, do momento da morte até o da ressurreição do corpo, não encontrou guarida em parte representativa da fé cristã, antes encontrou resistência inclusive (e principalmente) no calvinismo. Com o documento *Psychopannychia (All-night-vigil of the soul)* redigido por João Calvino quando este tinha 25 anos¹, teve início a destruição da heresia luterana:

Long ago, when certain pious persons invited, and even urged me, to publish something for the purpose of repressing the extravagance of those who, alike ignorantly and tumultuously, maintain that THE SOUL DIES OR SLEEPS, I could not be induced by all their urgency, so averse did I feel to engage in that kind of dispute. At that time, indeed, I was not without excuse, partly because I hoped that that absurd dogma would soon vanish of its own accord, or at least be confined to a few triflers.

Heresia porque a compreensão do Sheol (cf. aula anterior) e da Teologia da Morte em seus aspectos minimamente gerais é vital para a própria compreensão da Vida. Como diz o princípio em Nietzsche “quem não sabe desprezar não sabe respeitar”, podemos facilmente trazer um paralelo de que quem não entende o que é a morte tampouco pode entender o que é a vida. E aqui chegamos à exposição do que é a morte no aspecto temporal em Ratzinger.

No §3,1^a, o autor trata sobre a compreensão do que significa “o fim está próximo” ou mais propriamente a questão primeira da Escatologia, quando ela dizia respeito à compreensão da Igreja Primitiva para com a promessa do Messias acerca de seu retorno magistral. Teria sido a Igreja enganada com relação à promessa do Messias? Estaria a Noiva se preparando inutilmente ou ao menos enganada quanto ao retorno de seu Amado? A visão em Ratzinger é que [obviamente] não, a Noiva não está à espera do Noivo atrasado mas sim que o tempo de Deus não segue as estações do ano ou mesmo o calendário humano, como é dito na segunda epístola de São Pedro:

Mas os céus e a terra, que existem agora, pela mesma palavra estão reservados para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia é para o Senhor como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não é tardio a respeito de sua promessa, ainda que alguns homens a têm por tardia; mas é longâmido para

¹ O documento em inglês pode ser acessado no link:
https://www.monergism.com/threshold/sdg/calvin_psychopannychia.html

conosco, não querendo que nenhum se perca, senão que todos cheguem ao arrependimento” – II Pe 3:7-9

Essa compreensão da atemporalidade humana no Divino traz à heresia do “sono da alma” a luz da entrada da alma, no momento da morte do corpo, numa linha do tempo espiritual onde não há minutos ou segundos, antes vive-se a eternidade. Assim como expresso na apresentação do Anjo do Senhor à João (Ap 1:1):

Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.

Entende-se que a atemporalidade humana no divino é aspecto essencial para compreensão da relação criatura/Criador. Aquele que não entende que o *bom ladrão* esteve com Cristo exatamente naquele mesmo dia de sua crucificação não entende sequer a literalidade da Palavra, necessitando ser antes um argumentador pró-Verbo do que um crente no Verbo, alternando com o Espírito a função de “ensinar todas as coisas” (Jo 14:26). Ora, a Palavra de Deus não precisa de justificadores e sim de apologetas, pessoas que se colocam humildemente à disposição do Espírito para entender o que este tem a revelar, e após aprender, se revestir de toda sua armadura para defender a fé cristã (Ef 6).

A ressurreição dos corpos

O corpo perece no momento da morte, é o fim da *bios* como nós a mantemos neste tabernáculo terrestre (2 Pe 1:13), o qual aguardará a ressurreição dos corpos. Importante ressaltar que no judaísmo, a ressurreição dos corpos era um ponto compreendido em geral como a promessa messiânica constante na Lei e nos profetas (*cf. Jó 19:25; Dn 12:2; e Is 26:20,21*); assim, quando Lázaro morre e Cristo diz a Marta que ele ressuscitaria, ela responde “eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Temos aqui um episódio marcante onde não se espera o cumprimento da profecia -- uma vez que a própria Palavra se faz presente -- e todos os que ali estavam presenciam então a ressurreição do corpo, ou o retorno da vida àquele que estava morto. Essa ressurreição não apenas foi o retorno da alma (*anima*) ao corpo (*bios*) como também a regeneração do *tabernáculo terrestre*, uma vez que Lázaro não recebeu um novo corpo e sim teve restaurado o já deteriorado velho corpo.³ No grande clássico *Manual de Escatologia*, J. Dwight Pentecost afirma:

Observamos que a ressurreição é uma doutrina cardinal da Palavra de Deus. O tema da ressurreição de Cristo dominou o ministério dos apóstolos após a ascensão de Cristo, a ponto de quase excluir Sua morte. Em mais de quarenta referências à ressurreição do Novo Testamento, com a possível exceção de Lucas 2:34, o termo é sempre usado em referência a uma ressurreição literal, jamais em sentido espiritual ou não-literal, e relacionase ao soerguimento do corpo físico.³

² Aqui em Escatologia, no §3 o autor traz à vista do leitor a necessidade da hermenêutica por parte da Igreja, único fundamento que pode evitar uma leitura monstruosa como a feita por Lutero com relação à unidade do ser humano. ³ Lázaro estava morto há quatro dias, seu corpo já se encontrava em estado de decomposição. O milagre aqui vai além da ressurreição como prometida nos Profetas, configurasse também numa regeneração biológica, afetando tecidos, músculos, sangue e tudo o mais que compõe o filho do homem.

³ PENTECOST. J. D. *Manual de Escatologia*. Editora Vida. São Paulo, 2006.

Essa perfeita leitura do teólogo americano condiz com a defesa de J. Ratzinger quando diz, na página 131 do livro tema de nossa aula, o que se segue:

Esse caráter intermediário [o tempo entre a morte e a ressurreição do corpo] só existe na nossa perspectiva. O “fim dos tempos” é, na verdade, atemporal; quem morre entra na atualidade do último dia, do dia do Juízo, da ressurreição e do retorno do Senhor.

Temos ainda por sua importância cardinal (cf. J. D. Pentecost) o fechamento da Suma contra os Gentios, de São Tomás de Aquino, trazendo na [terceira] parte intitulada “As verdades sobrenaturais sobre a vida futura” o cap. LXXIX “A Ressurreição dos corpos será efetuada em Cristo”. Nesse capítulo, o *Doctor Angelicus* dedica nada menos que 10 pontos em defesa da ressurreição literal dos corpos, em oposição à heresia da ressurreição espiritual como única ressurreição referida nas Escrituras. Diz o santo:

Fomos por Cristo libertados do que recebemos do pecado do primeiro homem, porque, tendo pecado o primeiro homem, não só este pecado se estendeu a nós, como também a sua pena, que é a morte. É, pois, necessário que sejamos de ambos libertados por Cristo, a saber, da culpa e da morte, donde ainda afirmar o apóstolo: Se pelo pecado de um só a morte entrou no mundo, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida por obra de um só, Jesus Cristo (Rm 5:17). E foi para mostrar a nós ambas essas coisas que Cristo quis morrer e ressurgir.

Recebemos o efeito da morte de Cristo nos sacramentos, no tocante à remissão da culpa, pois os sacramentos operam em virtude da paixão de Cristo. Logo é necessário acreditar como verdade de fé que haverá uma ressurreição de mortos.⁴

A ressurreição dos corpos na filosofia

Não apenas o pensamento teológico cristão como também a filosofia grega, caminham no sentido da compreensão da lógica da ressurreição, deixando claro que não se trata o tema de questão religiosa cristã, mas concernente à própria natureza da vida como a conhecemos.

Em Fédon (Da Alma), Platão defende com clareza ímpar a imortalidade da alma quando, em diálogo entre Sócrates e Cebes, lemos [71a]:

SÓCRATES: Se os vivos nascem novamente dos mortos, nossas almas existiriam lá (Hades), não existiriam? Afinal não poderiam renascer se não existissem, o que seria prova suficiente de sua existência se realmente fosse apresentada a evidência de que os vivos nascem somente de uma fonte, a saber, dos mortos.

Em seguida, o filósofo elucida que no mundo como o conhecemos todas as coisas tem origem em seu contrário: o grande vem do pequeno assim como o belo do feio e o maior do menor.

⁴ AQUINO. T. *Suma teológica contra os gentios*. Ecclesiae. Campinas, 2017.

SÓCRATES: Quando alguma coisa se torna maior, foi necessariamente menor para depois se tornar maior? CEBES: Sim.

SÓCRATES: E mais fraco é gerado a partir de mais forte, enquanto mais lento de mais rápido?

CEBES: Certamente.

SÓCRATES: E pior de melhor, e mais justo de mais injusto?

Na linha de raciocínio clássica do pensamento socrático, o diálogo chega à compreensão de que o vivo só pode vir do morto (*vice versa*), e sendo o corpo morto ao fim da vida (*bios*), necessário é que a alma permaneça para uma ressurreição corporal. Temos aqui, fora da teologia cristã, a compreensão de longa tradição que acreditava haver o *sheol*, um reino de mortos. Tal tradição só seria quebrada quatro séculos depois com o advento da encarnação da Vida, que sendo a origem em si mesmo (ou o Motor Imóvel em *De Anima*) poderia, em possibilidade e em poder, alterar a ordem natural da existência humana fazendo cessar a morte com a ressurreição (I Co 15).

Porque a ressurreição dos corpos é essencial à fé cristã

Ora, embora se pregue que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? Mas se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. – I Co 15:12-14

A boa nova é o Evangelho da Salvação, a separação do véu que separava o pecador do Santo, o que literalmente se dava no Templo em Jerusalém (Hb 9 cf. Mt 27:50, 51) durante todo o Velho Testamento. O fruto do Evangelho é a Salvação da alma, assim como descrito pelo próprio Filho ao atestar que “todo aquele que crer, será salvo”.

Salvo do quê? Salvo da separação eterna, ou seja, do prosseguimento da Velha Aliança quando o pecador ainda é colocado separado do Santo. Essa salvação se dá quando? Ela se dá no momento da morte do corpo (I Co 15:35,36), na temporalidade do Espírito como esclarecido aqui pelo próprio Ratzinger, mais propriamente na ressurreição do corpo uma vez que “um corpo terreno, feito de carne e sangue, não pode entrar no reino de Deus” (I Co 15:50). Teremos, da parte de Cristo, um corpo glorioso semelhante ao Seu próprio (Fp 3:20,21), e assim poderemos semelhante a Ele nos apresentar diante do Santo.

Vê-se então que retirar a ressurreição do corpo da fé cristã é retirar o método único pelo qual Cristo pode religar-nos ao Pai (o que foi o objetivo de sua encarnação). Toda seita que prega a reencarnação da alma ou a não ressurreição do corpo, atinge em cheio o aspecto de maior interesse humano no cristianismo: a reunião com o Pai. Isso é a destruição do cristianismo sem atingir o judaísmo, o que é especificamente a destruição do Novo Testamento.

Fernando Melo
Brasília, fevereiro de 2021.